

A QUESTÃO DA LIBERDADE EM SPINOZA

THE QUESTION OF FREEDOM IN SPINOZA

João Vitor Faceroli Almeida¹

Suderlan Toso Binda²

RESUMO: A liberdade em Spinoza é um conceito central em sua filosofia, que se relaciona intimamente com a noção de substância, modos e atributos. O objetivo deste artigo é explorar como Spinoza define a liberdade e suas implicações na vida humana. A metodologia adotada envolve uma análise textual da obra do filósofo, especialmente a "Ética", onde ele apresenta suas ideias sobre a natureza da liberdade. Os resultados mostram que, para Spinoza, a verdadeira liberdade não é a ausência de restrições, mas sim a compreensão das necessidades e determinações que nos moldam. Ele argumenta que os indivíduos são livres na medida em que conhecem as causas de suas ações e podem agir de acordo com sua própria natureza, alinhando-se aos modos da substância única que é Deus ou a Natureza. A conclusão destaca que a liberdade spinozista implica um estado de ser onde o autoconhecimento e a razão permitem ao indivíduo viver de forma mais plena e autêntica, reconhecendo as limitações impostas pela realidade enquanto busca a autonomia dentro dessas condições. Assim, a liberdade em Spinoza é um convite à reflexão sobre o papel da razão e do entendimento das escolhas humanas, promovendo uma vida ética e integrada ao todo.

Palavras-chave: Liberdade; Substância; Modos; Necessidade; Autoconhecimento.

ABSTRACT: Freedom in Spinoza is a central concept in his philosophy, which is closely related to the notion of substance, modes and attributes. The purpose of this article is to explore how Spinoza defines freedom and its implications for human life. The methodology adopted involves a textual analysis of the philosopher's works, especially "Ethics", where he presents his ideas about the nature of freedom. The results show that, for Spinoza, true freedom is not the absence of restrictions, but rather the understanding of the needs and determinations that shape us. He argues that individuals are free to the extent that they know the causes of their actions and can act in accordance with their own nature, aligning themselves with the modes of the single substance that is God or Nature. The conclusion highlights that Spinozist freedom implies a state of being where self-knowledge and reason allow the individual to live more fully and authentically, recognizing the limitations imposed by reality while seeking autonomy within these conditions. Thus, freedom in Spinoza is an invitation to reflect on the role of reason and understanding in human choices, promoting an ethical and integrated life.

Keywords: Freedom; Substance; Modes; Need; Self-knowledge.

¹UniSales – Centro Universitário Salesiano de Vitória/ES, Brasil. jfaceroli@meida@gmail.com

²UniSales – Centro Universitário Salesiano de Vitória/ES, Brasil..sbinda@salesiano.br.

1 INTRODUÇÃO

A liberdade é um conceito que permeia diversas áreas do conhecimento, especialmente na filosofia, na qual sua definição e implicações têm sido debatidas ao longo dos séculos. Em Baruch Spinoza, filósofo do século XVII, a liberdade adquire uma dimensão singular, integrada à sua visão monista e racionalista do universo. Para Spinoza, a realidade é composta por uma única substância que se expressa através de modos e atributos. Essa substância única é Deus ou a Natureza, que determina tudo que existe. A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como a concepção de liberdade em Spinoza não se limita a uma escolha individual, mas é entendida como um estado de ser que se relaciona intrinsecamente com as leis que regem essa substância. Em um contexto contemporâneo, em que dilemas éticos e sociais frequentemente desafiam nossa noção de liberdade, revisitar o pensamento spinozista pode oferecer novas perspectivas para o entendimento da autonomia humana.

Para Spinoza, a substância é a realidade última que se manifesta em tudo o que existe, sendo identificada como Deus ou Natureza (*Deus sive Natura*). Essa concepção monista desafia as noções dualistas que predominavam na época, ao afirmar que não há separação entre o divino e o mundo material. A substância é a origem de todas as coisas e, por isso, tudo o que ocorre no universo é uma expressão necessária dessa realidade única. Assim, compreendê-la é fundamental para entender não só o funcionamento do cosmos, mas também nosso lugar dentro dele.

No contexto spinozista, a necessidade desempenha um papel central na explicação dos fenômenos naturais e das ações humanas. Spinoza argumenta que tudo o que acontece segue um encadeamento causal determinado pela essência da substância. Dessa forma, a liberdade não deve ser entendida como um livre-arbítrio absoluto, mas sim como a capacidade de agir de acordo com a razão e compreender as leis naturais que regem nossas vidas. Quando nos libertamos das paixões que nos dominam e passamos a agir racionalmente, alcançamos uma verdadeira liberdade, que está em sintonia com a ordem do universo. Essa visão convida à reflexão sobre a relação entre determinismo e autonomia pessoal, propondo que, ao conhecer e aceitar as necessidades da realidade, podemos encontrar um caminho para viver de forma mais plena e harmoniosa.

Diante desse panorama, o objetivo deste trabalho é investigar a concepção de liberdade em Spinoza à luz dos conceitos de substância, modos e atributos. Pretende-se analisar como essa perspectiva pode contribuir para uma compreensão mais profunda da autonomia individual e coletiva no contexto contemporâneo. Além disso, busca-se refletir sobre as formas práticas de aplicar os conceitos spinozistas na promoção de uma convivência mais harmoniosa e justa entre os indivíduos em sociedade, considerando tanto as necessidades quanto as possibilidades que emergem dessa compreensão filosófica.

Comentado [1]: ok

Formatado: Fonte: Itálico

2 A SUBSTÂNCIA PARA SPINOZA

A filosofia de Baruch Spinoza, especialmente sua concepção de substância, é fundamental para compreender a relação entre a liberdade e a necessidade no pensamento moderno. Em sua obra "Ética", Spinoza define substância "como aquilo que existe em si e é concebido por si, ou seja, não depende de nada fora de si para existir" (SPINOZA, 2009, p.32). Para ele, a substância é única e infinita, sendo identificada com Deus ou a Natureza (*Deus sive Natura*).

Formatado: Fonte: Itálico

A ideia de liberdade em Spinoza está intrinsecamente ligada à sua noção de substância. Para o filósofo, ser livre não significa agir de acordo com a vontade arbitrária, mas sim agir segundo a necessidade da própria natureza. Em suas palavras: "A liberdade é a compreensão da necessidade" (SPINOZA, 2011; p.44). Assim, a verdadeira liberdade se manifesta na capacidade do indivíduo de reconhecer e aceitar as causas que determinam suas ações.

Giovanni Reale, em sua análise sobre Spinoza, destaca que "a liberdade spinozista é uma forma de conhecimento" (REALE, 2005; p.430). Isso implica que quanto mais conhecemos as causas das nossas ações, mais livres nos tornamos. A liberdade, portanto, não é um estado absoluto, mas um processo contínuo de entendimento e aceitação das leis naturais que regem nossa existência.

Portanto, ao compreender a substância como um todo integrado e necessário, Spinoza nos convida a repensar nossa relação com o mundo e com nós mesmos. A liberdade não se opõe à necessidade; pelo contrário, ela se revela na aceitação dessa necessidade como parte da ordem universal.

Aristóteles, um dos filósofos mais influentes da antiguidade, introduziu a ideia de substância como um conceito fundamental para entender a realidade. Para ele, uma substância é um objeto cujas características podem ser previstas, mas que não pode ser completamente definido ou explicado por outras entidades ou conceitos. Um exemplo prático dessa definição é o cavalo: podemos descrever suas características – ele é alto, jovem, branco e robusto – mas não podemos atribuí-lo a outra categoria, como "ele é uma árvore". A substância do cavalo se mantém inalterada mesmo que suas propriedades possam mudar ao longo do tempo. De fato, podemos pensar em nós mesmos: embora tenhamos mudado fisicamente ao longo dos anos – como a cor do cabelo ou o aumento da idade – continuamos sendo a mesma essência que nascemos há 60 anos. Essa concepção aristotélica de substância estabelece uma base para discussões filosóficas posteriores, especialmente no trabalho de René Descartes.

Comentado [2]: Período ambíguo. Quem não pode ser definido por outras entidades: os objetos ou as características? A concordância muda de acordo com a intenção, porém pode valer a pena um rephraseamento para evitar a ambiguidade gerada.

Comentado [3]: irei reformular ela

Comentado [4]: não achei aqui nas fontes, vou jogar no word para trocar

Comentado [5]: Alguns eu fiz sugestão de formatação. Você pode só aceitar a sugestão de formatação no caso que vai virar aquilo que eu sugeri

Em suas "Meditações Metafísicas", Descartes propõe uma visão renovada da substância, introduzindo duas categorias fundamentais: as substâncias extensas (*res extensa*) e as substâncias pensantes (*res cogitans*). As primeiras referem-se ao

Formatado: Fonte: Itálico

mundo material tudo o que ocupa espaço e possui massa, enquanto as segundas dizem respeito à mente e à consciência. Essa distinção entre mente e corpo gerou um riquíssimo debate na filosofia moderna sobre a relação entre essas duas realidades.

Descartes argumenta que, enquanto nossa mente e nosso corpo são finitos e limitados, Deus é uma substância infinita que fundamenta todas as outras existências. Essa ideia de Deus como uma substância indispensável sugere que nossa compreensão do mundo material está intrinsecamente ligada à presença divina. A relação entre finitude e causalidade se torna crucial aqui: não podemos compreender completamente a realidade sem reconhecer essa conexão com o divino.

A proposta de Descartes também levanta questões sobre a natureza do conhecimento empírico versus o conhecimento racional. Não podemos simplesmente buscar exemplos no mundo físico para validar as definições de Aristóteles ou Descartes; em vez disso, nossa visão sobre o que constitui uma substância moldará nossas descobertas empíricas. Assim, podemos interpretar o trabalho de Baruch Spinoza na "Ética" como um experimento mental abrangente – quase como se Spinoza estivesse dizendo: "Considerando estas premissas, podemos chegar a determinadas conclusões". No entanto, é importante notar que Spinoza não vê a ética apenas como uma atividade intelectual; ele acredita firmemente na autenticidade de suas definições e na sua capacidade de refletir a realidade.

Como racionalista, Spinoza utiliza critérios conceituais em vez de empíricos para validar suas ideias. Um exemplo claro disso pode ser visto na definição geométrica de um círculo: esse é definido como o conjunto de todos os pontos em um plano que estão a uma distância constante de um ponto central. Essa definição é clara e não requer validação empírica; ela é construída puramente através da lógica e do raciocínio.

Entretanto, essa abordagem pode parecer arriscada ou até mesmo ilusória – construir teorias que não necessariamente se concretizam no mundo físico. Apesar disso, o pensamento de Spinoza nos ensina que o universo das ideias e o universo material são apenas diferentes aspectos da mesma realidade. As interações entre esses dois mundos podem ser compreendidas mais profundamente através da lógica.

Hegel também contribui para essa discussão em sua obra "Fenomenologia do Espírito". Para Hegel, a verdade não deve ser meramente proclamada como uma conclusão final; ao contrário, ela deve passar por todas as etapas do processo dialético para que sua profundidade se torne evidente. Este entendimento implica que cada ideia deve ser testada e refinada através da experiência e da interação com outras ideias.

Portanto, ao analisarmos as concepções de substância apresentadas por Aristóteles, Descartes e Spinoza, percebemos que cada filósofo oferece uma perspectiva única sobre a realidade. Enquanto Aristóteles nos apresenta uma visão estática da substância como algo permanente apesar das mudanças externas, Descartes introduz uma dualidade entre corpo e mente que gera novas questões metafísicas. Spinoza, por sua vez, nos desafia a considerar a interconexão entre as ideias e os objetos físicos como partes integrantes de um único sistema lógico.

Essas discussões filosóficas continuam relevantes hoje em dia, pois nos ajudam a explorar questões fundamentais sobre nossa própria existência e nosso lugar no

universo. Ao refletirmos sobre essas ideias, somos levados a questionar não apenas o que significa ser uma substância em si mesma, mas também como nossas percepções moldam nossa compreensão do mundo ao nosso redor.

2.1 ATRIBUTOS DA SUBSTÂNCIA

Spinoza, em sua obra *Ética*, apresenta uma concepção singular de substância que se desdobra em infinitos atributos e modos. Essa perspectiva filosófica, fortemente racionalista e organizada segundo o método geométrico, marca uma ruptura significativa com a tradição escolástica e representa uma evolução do pensamento cartesiano. Para entender a complexidade do sistema spinoziano, é fundamental compreender os conceitos de substância, atributos e modos, embora esses conceitos apresentem algumas aporias que continuam a ser debatidas entre os estudiosos.

O filósofo inicia sua *Ética* com uma série de definições, destacando a substância como "aquilo que existe em si e é concebido por si" (Spinoza, 2004, p. 45). Isso significa que a substância não depende de nada mais para existir ou ser entendida. Na visão de Spinoza, Deus é essa substância absolutamente infinita, composta por infinitos atributos, sendo cada um deles uma expressão da essência divina. Os atributos são descritos como qualidades eternas e imutáveis da substância, devendo ser concebidos de forma independente uns dos outros, embora não se trate de entidades separadas.

Para Spinoza, o conceito de atributo está profundamente ligado à substância, a ponto de "cada um de seus atributos ser concebido em si mesmo, já que todos os atributos que ela possui sempre estiveram juntos nela" (Spinoza, 2002, p. 47). Assim, a substância é a única realidade verdadeiramente autossuficiente; os atributos são expressões de sua infinitude. Contudo, o que conseguimos conhecer diretamente são apenas dois desses atributos: o pensamento e a extensão. Essa limitação não é vista por Giovanni Reale como uma deficiência do sistema spinoziano, mas sim como uma restrição cultural e histórica resultante do diálogo com o dualismo cartesiano (Reale, 2005, p. 320 -).

Descartes havia dividido a realidade em duas substâncias distintas: a *res cogitans* (pensamento) e a *res extensa* (extensão). Spinoza rejeita essa dualidade ao transformá-las em atributos de uma única substância: Deus. Essa mudança implica, como argumenta Reale (2005), numa concepção radicalmente unitária da realidade, em que tudo que existe faz parte da substância divina. O pensamento cartesiano, que pressupunha uma separação ontológica entre mente e corpo, é superado por Spinoza ao afirmar que ambos são manifestações de um mesmo ser percebidas sob diferentes atributos.

2.2 OS MODOS DA SUBSTÂNCIA

Além dos atributos, Baruch Spinoza introduz o conceito de "modos", que são compreendidos como as diversas maneiras pelas quais a substância se manifesta no mundo. Para Spinoza, os modos são definidos como "o que existe em outra coisa, por meio da qual também é concebido" (Spinoza, 2004, p. 50). Isso significa que os modos são totalmente dependentes da substância para sua existência e compreensão. A

Comentado [6]: conferir as referências

Comentado [7]: conferir as referências

obra de Spinoza distingue entre modos infinitos e modos finitos: os primeiros, como o "intelecto infinito" e o "movimento e a quietude", expressam diretamente os atributos infinitos de Deus. Em contrapartida, os modos finitos representam manifestações particulares e limitadas que percebemos em nosso cotidiano.

Entretanto, a transição do infinito para o finito não é claramente explicada por Spinoza, o que gera uma das maiores dificuldades em seu sistema filosófico. Ele sugere que os modos finitos derivam de outros modos finitos em uma cadeia causal infinita. Contudo, não esclarece como essas modificações finitas emergem da substância infinita e eterna. Giovanni Reale (2005, p.325) observa que essa questão representa "um dos grandes enigmas do pensamento spinoziano", pois parece contradizer a própria essência da substância infinita, que, por definição, não poderia gerar algo limitado ou finito.

A problemática da transição entre o infinito e o finito — ou entre modos infinitos e modos finitos — é considerada uma aporia no sistema de Spinoza por muitos estudiosos. A proposição de que "o finito é gerado pelo finito" não parece suficiente para elucidar a origem do finito, uma vez que a substância divina, sendo absolutamente infinita e positiva, não pode ser limitada ou determinada por algo externo a si mesma. Karl Jaspers (1970, p.312) destaca que "a experiência da necessidade é a bem-aventurança de Spinoza". No entanto, essa necessidade não oferece uma explicação satisfatória para a origem do finito dentro de um sistema que enfatiza a infinidade e eternidade da substância.

Essa dificuldade sugere que o sistema de Spinoza, embora coerente em muitos aspectos, enfrenta um desafio fundamental: explicar como uma substância infinita pode gerar realidades finitas sem se contradizer. Giovanni Reale (2005, p.328) argumenta que essa questão revela tanto a profundidade quanto as limitações do pensamento spinoziano: "É necessário compreender a dificuldade inerente ao próprio sistema, que é conciliar a infinidade divina com a multiplicidade e limitação do mundo empírico".

Por fim, a relação entre substância, atributos e modos na filosofia de Spinoza proporciona uma visão singular da realidade na qual Deus, o mundo e o ser humano estão interconectados como partes de uma totalidade infinita. A estrutura geométrica de sua exposição — inspirada nos teoremas euclidianos — busca demonstrar a inevitabilidade e racionalidade de cada elemento do sistema. Contudo, algumas questões permanecem sem resposta, especialmente no que diz respeito à origem dos modos finitos. Essas indagações não só não fragilizam o sistema spinoziano; ao contrário, revelam sua abertura para novas interpretações e evidenciam a riqueza de seu impacto filosófico.

2.3 A NECESSIDADE DA SUBSTÂNCIA

Baruch Spinoza inicia sua filosofia com uma definição rigorosa de substância, a qual ele descreve como "aquilo que é em si e é concebido por si" (Spinoza, 2008;p.46). Essa definição indica uma realidade autossuficiente que não depende de nada além de si mesma para existir. Segundo Spinoza, a substância é infinita e possui infinitos atributos; no entanto, os seres humanos são capazes de perceber apenas dois deles: o pensamento e a extensão. A partir dessa base, ele desenvolve uma compreensão

da necessidade que decorre diretamente da natureza dessa substância única e infinita.

Mondin (2005;p.32) argumenta que “[...] a substância, para Spinoza, é a fonte de toda a realidade, e tudo o que acontece no universo é uma consequência necessária de sua natureza”. Nesse sistema filosófico, não há espaço para eventos contingentes ou acidentais; tudo é predeterminado pela essência da substância.”

Essa concepção de necessidade se opõe à visão dualista proposta por René Descartes, que defendia a existência de substâncias distintas e independentes, como a *res cogitans* (substância pensante) e a *res extensa* (substância extensa). Para Descartes, a interação entre essas substâncias permitia a ocorrência de eventos contingentes, aqueles que poderiam ou não acontecer. Spinoza refuta essa ideia ao afirmar que, dado que existe apenas uma substância, tudo o que ocorre é uma expressão necessária dessa substância. Reale (2005;p.341) explora essa diferença ao afirmar que “o sistema de Spinoza elimina qualquer noção de livre-arbítrio entendido como indeterminação”, já que a substância é causa de si mesma e de tudo o que existe; portanto, tudo se torna necessário. Essa perspectiva determinista implica que cada evento no universo resulta inevitavelmente de causas anteriores, todas interligadas à natureza da substância.

A concepção de necessidade em Spinoza está intimamente relacionada ao seu conceito de *causa sui*, ou seja, a substância é causa de si mesma. Isso significa que ela não depende de nada externo para existir ou ser concebida; consequentemente, todas as suas manifestações ou modos também ocorrem necessariamente. Vania (2009;p.50) observa que “[...] a necessidade da substância é um dos aspectos mais revolucionários da filosofia spinozista”, pois implica que tudo o que existe e acontece é uma expressão direta da essência divina ou natural. Essa ideia tem profundas implicações éticas e metafísicas ao eliminar qualquer dualidade entre o mundo natural e o divino, propondo uma visão integrada do universo onde tudo o que ocorre é manifestação da ordem necessária da Natureza.

2.4 A POSSIBILIDADE DA LIBERDADE

A filosofia de Baruch Spinoza apresenta uma visão singular sobre a liberdade humana, que se entrelaça com sua concepção de necessidade da substância. Joseph Moreau (2002;p.30) amplia essa discussão ao explorar como a necessidade da substância afeta a ética spinozista. Segundo ele, “a ética de Spinoza baseia-se na compreensão da necessidade natural, e a liberdade humana reside não em escapar dessa necessidade, mas em compreendê-la”. Essa afirmação sugere que, para Spinoza, a verdadeira liberdade não é uma fuga do determinismo, mas sim um reconhecimento e uma aceitação das leis que governam a natureza e nossas vidas.

A ética spinozista enfatiza que tudo no universo, incluindo nossas ações, pensamentos e emoções, é determinado pela necessidade da substância. Quanto mais nos dedicamos a entender essa necessidade, mais conseguimos nos alinhar com a ordem natural, e assim, paradoxalmente, mais livres nos tornamos. Essa perspectiva coloca a razão como elemento central na vida ética; por meio do entendimento racional, podemos nos libertar das paixões que muitas vezes nos escravizam e viver em conformidade com a natureza.

A concepção de necessidade em Spinoza também traz implicações significativas para a noção de Deus. Em sua obra, Spinoza apresenta Deus não como uma entidade transcendente que intervém no mundo, mas como idêntico à própria substância — ou seja, à Natureza. Como aponta Batista Mondin (2005;p.40), “[...] a visão spinozista de Deus como substância implica que a causalidade divina é imanente, e não transcendente; Deus é a causa interna de tudo, e não um agente externo que atua sobre o mundo”. Essa interpretação implica que tudo o que acontece no universo é uma expressão necessária da própria natureza divina. Portanto, qualquer evento ou fenômeno natural não resulta de intervenções sobrenaturais ou milagres, mas segue as leis naturais que são manifestações da substância divina.

Entretanto, essa visão determinista não é isenta de críticas. Muitos questionam se o sistema filosófico de Spinoza realmente permite espaço para o livre-arbítrio. À primeira vista, sua abordagem parece eliminar qualquer possibilidade de escolha livre e autônoma. Contudo, Sophia Vania (2009;p.53) observa que Spinoza propõe uma redefinição do conceito de liberdade: “a liberdade não é a capacidade de agir sem restrições, mas a capacidade de entender a necessidade natural e agir de acordo com a razão”. Essa reinterpretação sugere que mesmo sob determinismo, podemos encontrar liberdade ao compreendermos as causas das nossas ações e alinharmos nossas vidas à ordem natural.

Giovanni Reale (2005;p.341.) complementa essa perspectiva ao afirmar que “[...] a crítica ao conceito de liberdade em Spinoza decorre de uma compreensão equivocada do determinismo spinozista”. Para ele, aceitar a necessidade da substância não deve ser vista como uma limitação; pelo contrário, representa uma oportunidade para alcançar uma liberdade mais profunda. Esta liberdade emerge do autoconhecimento e da harmonia com as leis naturais. Assim, o pensamento spinozista desafia concepções tradicionais sobre liberdade e moralidade ao oferecer uma visão mais integrada e racional da existência humana.

Além disso, a ideia de necessidade da substância em Spinoza se destaca como uma das contribuições mais inovadoras da filosofia moderna. Ao afirmar que tudo o que existe resulta necessariamente da substância infinita, ele propõe um universo onde as interconexões entre causalidade, ética e liberdade são profundamente entrelaçadas. A obra de Spinoza continua a inspirar debates filosóficos contemporâneos sobre esses temas cruciais: “natureza da liberdade, funcionamento da causalidade e os limites do conhecimento humano”.

As ideias centrais de Spinoza sobre liberdade e necessidade da substância à luz das contribuições contemporâneas de pensadores como Moreau e Vania, percebemos que sua filosofia oferece um caminho rico para entender nossa condição humana. A verdadeira liberdade reside na capacidade de compreender as forças que moldam nossa existência e agir em consonância com elas. Assim sendo, o pensamento spinozista não apenas redefine o conceito de liberdade; ele também nos convida a refletir sobre nosso lugar no cosmos e nosso papel dentro da ordem natural.

2.5 A LIBERDADE PARA SPINOZA

Para Spinoza, o conceito de livre-arbítrio como um poder incondicionado de escolha é ilusório. Ele argumenta que as ações humanas são determinadas por uma complexa

rede de causas, internas e externas, que se entrelaçam. Assim, pensar que somos absolutamente livres em nossas escolhas é, para ele, ignorar essa teia causal. “Os homens se julgam livres por serem conscientes das suas ações e ignorantes das causas que as determinam” (Spinoza, 2009, p. 54). Essa afirmação revela a convicção de Spinoza de que a liberdade não consiste na ausência de causas ou condicionamentos, mas na compreensão e aceitação das leis que regem tanto a nossa mente quanto o corpo.

Ao rejeitar a ideia de uma liberdade como escolha desvinculada de qualquer influência, Spinoza inaugura uma reflexão que coloca o ser humano como parte de uma ordem necessária. Nesse contexto, a liberdade é definida como a capacidade de agir de acordo com a nossa natureza essencial, ou seja, de acordo com a razão. Para ele, agir livremente é agir com clareza e compreensão, em vez de ser levado por paixões momentâneas.

Um dos pontos centrais da ética spinozista é a distinção entre paixões e ações racionais. As paixões são emoções que surgem de causas externas, das quais o indivíduo é passivo, enquanto as ações racionais decorrem de um entendimento ativo da própria natureza e de seu lugar na ordem universal. Para Spinoza, ser livre implica em conhecer a si mesmo e as leis que governam a totalidade da existência, buscando viver conforme a razão, em harmonia com essas leis.

A primeira parte do entendimento spinozista sobre a liberdade envolve a análise das paixões. Segundo Spinoza, as paixões são afetos que ocorrem em resposta a estímulos externos e podem dominar o indivíduo, levando-o a agir de maneira impulsiva ou irracional. Em sua obra “Ética”, ele afirma: “As paixões são estados da alma que se originam de causas externas, que não estão sob o controle do indivíduo” (Spinoza, 2002;p.60). Assim, as paixões podem ser vistas como forças que nos afastam da verdadeira liberdade, uma vez que nos tornam dependentes das circunstâncias externas e das influências alheias.

Por outro lado, as ações racionais são aquelas que emanam do entendimento claro e distinto de nossas próprias naturezas e dos princípios universais que regem a realidade. Para Spinoza, agir racionalmente significa agir em conformidade com a razão e não ser guiado por paixões descontroladas. Ele enfatiza que “a liberdade é o conhecimento da necessidade” (Spinoza, 2002;p.65), indicando que o verdadeiro livre-arbítrio reside no reconhecimento das causas que nos afetam e na capacidade de agir em consonância com essa compreensão.

Esse entendimento da liberdade se conecta diretamente à ideia de autoconhecimento. Ao conhecer a si mesmo e entender as leis universais, o indivíduo pode transcender as paixões que o aprisionam. A liberdade spinozista não é simplesmente a ausência de restrições externas; é uma condição interna resultante do domínio sobre si mesmo e da capacidade de agir segundo a razão. Assim, viver livremente implica em cultivar um estado mental onde as ações são deliberadas e fundamentadas no conhecimento.

Outro aspecto importante é a relação entre razão e emoção na filosofia spinozista. Embora Spinoza reconheça o papel das emoções na vida humana, ele argumenta que devemos buscar uma forma elevada de emoção, que ele chama de “afeto ativo”. Os afetos ativos são aqueles que surgem quando estamos plenamente conscientes de nossas capacidades e interações com o mundo. Eles promovem um estado de alegria

e satisfação que está alinhado com nosso verdadeiro eu. Como ele afirma: “A alegria é um aumento da potência de agir” (Spinoza, 2002;p.66). Portanto, ao cultivar ações racionais baseadas na razão, podemos transformar nossas paixões em afetos ativos e positivos.

Além disso, essa transformação das paixões em ações racionais está intimamente ligada à ética social proposta por Spinoza. Ele argumenta que viver segundo a razão não só beneficia o indivíduo como também contribui para o bem-estar coletivo. A compreensão das interconexões entre os indivíduos permite uma vida comunitária mais harmoniosa e justa. Em sua obra “Tratado Político”, Spinoza sugere que sociedades baseadas na razão promovem mais liberdade do que aquelas dominadas por paixões desordenadas (Spinoza, 2004;p.40).

Em suma, a distinção entre paixões e ações na filosofia de Spinoza revela uma profunda reflexão sobre a natureza da liberdade humana. Enquanto as paixões nos mantêm cativos às influências externas e ao acaso, as ações racionais nos libertam através do autoconhecimento e da compreensão das leis universais. A verdadeira liberdade reside na capacidade de agir conforme nossa essência racional, promovendo não apenas nosso desenvolvimento pessoal, mas também contribuindo para uma sociedade mais justa e harmoniosa.

Ao agir segundo a razão, o indivíduo se alinha com a Natureza e se torna capaz de transcender a servidão aos impulsos. Isso não significa eliminar as paixões, mas compreendê-las em sua totalidade e integrá-las ao seu ser de maneira ordenada. Como Spinoza afirma, “[...] a mente humana não é um império dentro de um império” (Spinoza, 2008, p. 123), sugerindo que a mente humana é uma parte integrante do todo natural e não algo isolado ou em oposição a ele. Esse entendimento é fundamental para a concepção de liberdade, pois, ao compreender a necessidade natural de todas as coisas, incluindo a si mesmo, o ser humano encontra uma nova forma de liberdade.

Spinoza oferece, portanto, uma perspectiva de liberdade que se distancia da noção de independência e se aproxima da ideia de integração e imanência. Para ele, a liberdade verdadeira é alcançada não ao tentar escapar das determinações da Natureza, mas ao aceitá-las e agir de acordo com elas. Essa aceitação não é resignação, mas um reconhecimento ativo de nossa própria condição e um direcionamento consciente das ações.

Essa visão de liberdade se concretiza na ideia de que ao cultivarmos um conhecimento profundo sobre nossas próprias determinações, tornamo-nos agentes de nossas próprias vidas. O filósofo defende que, quanto mais compreendemos as leis naturais que nos regem, mais livres somos, pois menos estamos à mercê de forças externas. Assim, a liberdade, para Spinoza, não é um ponto de chegada, mas um processo contínuo de autoconhecimento e harmonização com a realidade. Gilles Deleuze, ao analisar a obra de Spinoza, destaca que “[...] a liberdade é imanente à própria necessidade, e não uma negação dela” (Deleuze, 1981, p. 56).

A “**Ética**”, obra central de Spinoza, pode ser vista como um projeto filosófico que busca mostrar como o ser humano pode alcançar uma vida livre e feliz por meio do conhecimento de si e do mundo. Para isso, o filósofo estrutura seu pensamento de forma geométrica, apresentando definições, axiomas e proposições que constroem

Comentado [8]: ok trocado !

um sistema coeso e racional. Esse método revela sua crença de que a liberdade é alcançada por meio de um entendimento claro e ordenado, o qual é o oposto de um conhecimento confuso e fragmentado.

Ao longo da Ética, Spinoza apresenta a transição da servidão para a liberdade como um movimento da ignorância para o conhecimento. O ser humano, ao adquirir um conhecimento adequado sobre si e a Natureza, é capaz de superar as paixões desordenadas e agir de forma racional. Isso é o que ele chama de “amor intelectual de Deus”, um estado de compreensão plena que traz consigo um senso de paz e harmonia com a totalidade da existência.

Em sua concepção de liberdade, Spinoza propõe uma visão inovadora que valoriza o conhecimento racional e a integração com as leis naturais. Ao contrário das concepções tradicionais que colocam a liberdade em oposição à necessidade, ele sugere que a liberdade é alcançada por meio da compreensão e aceitação dessas necessidades. Dessa forma, Spinoza redefine a liberdade como um estado de ser em que o indivíduo age de acordo com sua própria essência, consciente de sua unidade com a Natureza.

Portanto, para Spinoza, ser livre é ser capaz de compreender e aceitar nossa posição dentro da totalidade da Natureza. Esse entendimento nos permite agir de forma mais consciente e harmoniosa, não mais como escravos das paixões, mas como seres racionais que encontram na imanência o caminho para a verdadeira liberdade.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão da liberdade na filosofia de Baruch Spinoza, com ênfase nos conceitos de substância, atributos e modos, necessidade, possibilidade da liberdade e a liberdade em si. Para alcançar esse objetivo, será adotada uma abordagem qualitativa, utilizando-se de métodos analíticos e interpretativos.

A pesquisa será do tipo bibliográfica, com levantamento e análise de obras fundamentais de Spinoza, especialmente Ética, bem como estudos contemporâneos que discutem suas ideias sobre a liberdade. Além disso, serão revisadas obras secundárias que abordam a interpretação de Giovanni Reale e outros estudiosos da filosofia spinozista.

Foi feita uma análise do conceito spinozista de substância como aquilo que existe em si e por si, explorando sua relação com a ideia de Deus ou Natureza. **[Estudo dos atributos da substância, como extensão e pensamento, e sua manifestação nos modos, que são as expressões particulares da substância. Abrange a necessidade como um princípio fundamental na determinação das ações humanas e na estrutura do universo. Discussão sobre a relação entre necessidade e liberdade, examinando como a liberdade se manifesta dentro das limitações impostas pela natureza. A ideia de liberdade em si mesmo segundo Spinoza, considerando a ideia de que ser livre é agir conforme a razão e compreender as causas que nos determinam.**

Após a análise dos conceitos, será realizada uma discussão crítica integrando as diferentes abordagens sobre a liberdade em Spinoza. Essa discussão buscará

Comentado [9]: ok

destacar as implicações filosóficas das ideias apresentadas por Spinoza no contexto contemporâneo.

O trabalho culminará com uma conclusão que sintetiza os principais achados sobre a questão da liberdade em Spinoza, destacando sua relevância para o pensamento filosófico atual.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho teve como objetivo explorar a concepção de liberdade em Baruch Spinoza, abordando suas noções fundamentais de substância, modos e atributos, bem como a relação intrínseca entre necessidade e liberdade. Ao longo do trabalho, ficou evidente que a filosofia spinozista oferece uma visão rica e complexa sobre o que significa ser livre, desafiando concepções tradicionais que muitas vezes separam a liberdade da realidade concreta das condições humanas.

Os resultados encontrados indicam que a liberdade, segundo Spinoza, não deve ser entendida como a mera ausência de limitações externas. Em vez disso, é um estado de autoconhecimento e compreensão das forças que nos moldam e influenciam nossas vidas. Como Spinoza afirma em sua obra *Ética*: "A liberdade é o conhecimento do necessário" (Spinoza, 2008;P.58). Essa perspectiva nos leva a considerar que a verdadeira liberdade depende da nossa capacidade de reconhecer as relações interdependentes que constituem nossa existência e de agir em conformidade com essa compreensão.

A análise dos conceitos de substância, modos e atributos revelou que somos parte de uma totalidade maior — a única substância que é Deus ou Natureza. A substância é singular e infinita, enquanto os modos são as manifestações dessa substância em formas finitas. Assim, cada indivíduo é um modo particular da substância divina, o que implica que nossa liberdade individual não pode ser dissociada das necessidades coletivas. Essa interconexão sugere que a busca pela liberdade deve ser acompanhada da consideração das condições sociais, políticas e econômicas que influenciam nossas vidas.

Além disso, ao entendermos melhor as dinâmicas sociais e naturais que nos cercam, podemos cultivar uma forma de liberdade mais consciente e ética. A filosofia spinozista nos convida à reflexão sobre como nossas ações afetam não apenas a nós mesmos, mas também àqueles ao nosso redor. Isso implica um compromisso com a responsabilidade social e individual: "Ninguém é livre se não entende sua condição" (Spinoza, 2008). Portanto, promover um entendimento mais profundo sobre nós mesmos e nossas relações sociais é essencial para alcançar uma liberdade genuína e sustentável.

Entre as principais contribuições deste estudo, destaca-se a importância da educação crítica para o desenvolvimento da autonomia individual e coletiva. A educação, na perspectiva spinozista, deve promover o conhecimento das causas que nos afetam e das condições sob as quais vivemos. Esse tipo de educação pode capacitar os indivíduos a agir de maneira mais consciente e deliberada dentro do contexto social em que estão inseridos. Além disso, esta pesquisa aponta para a relevância da

Comentado [10]: Verificar junto ao orientador a possibilidade de usar tempos verbais pessoais como a 1ª pessoa do plural.

filosofia spinozista em discussões contemporâneas sobre direitos humanos e justiça social. A interdependência entre os indivíduos se torna cada vez mais evidente em um mundo globalizado onde as ações de um podem impactar diretamente o bem-estar dos outros.

A liberdade verdadeira, segundo Spinoza, reside na capacidade de entender as causas de nossas ações. Neste sentido, ser livre não significa agir sem restrições externas, mas sim atuar em conformidade com a razão e compreender a necessidade das ações. Como Spinoza afirma: “A liberdade é o conhecimento da necessidade” (Spinoza, 2002;p.66). Isso implica que a verdadeira liberdade está atrelada ao entendimento das leis naturais que governam nosso comportamento.

Para estudos futuros, sugerimos uma investigação mais aprofundada sobre como os princípios spinozistas podem ser aplicados em contextos práticos, como na psicologia positiva ou na educação emancipatória.

É fundamental considerar as circunstâncias que podem levar a incidentes trágicos. Fatores como distração, estresse emocional ou condições adversas no trânsito podem influenciar o comportamento de um motorista. Isso nos leva a uma reflexão sobre a liberdade: até que ponto somos responsáveis por nossas ações quando somos guiados por emoções intensas?

Esses eventos nos fazem questionar se as pessoas têm plena consciência das suas ações em momentos críticos ou se são dominadas por fatores externos. A ética de Spinoza sugere que, para sermos verdadeiramente livres, precisamos entender as causas internas e externas que nos afetam. O comportamento impulsivo pode ser visto como uma falta de controle sobre as emoções ou uma resposta inadequada às pressões do ambiente.

Ao analisar essas situações pela perspectiva spinozista, percebemos que a liberdade não deve ser reduzida a uma questão moral ou legal; ela requer um entendimento mais profundo das condições humanas. Spinoza nos convida a ir além da superficialidade dos atos humanos e a considerar as interconexões entre eles. “Ninguém é senhor de suas paixões”, ele nos lembra, ressaltando a complexidade da natureza humana.

A psicologia positiva poderia se beneficiar enormemente dos insights spinozistas sobre autoconhecimento e relações interpessoais saudáveis. Além disso, seria interessante explorar as implicações éticas da liberdade em Spinoza em comparação com outras correntes filosóficas contemporâneas, como o existencialismo ou o utilitarismo. Uma análise das práticas sociais que promovem ou restringem a liberdade individual à luz da filosofia spinozista poderia enriquecer ainda mais o debate sobre como viver em harmonia com as necessidades coletivas.

Em suma, este trabalho reafirma que a liberdade em Spinoza é um conceito dinâmico e relacional. É essencial para compreendermos não apenas nossas vidas individuais, mas também nosso papel dentro do tecido social. A busca por essa liberdade requer um compromisso contínuo com o conhecimento e a reflexão crítica sobre nossas ações e suas consequências no mundo. Assim sendo, ao abraçarmos uma abordagem spinozista da liberdade, podemos avançar em direção a uma sociedade mais justa e interconectada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da questão da liberdade na filosofia de Baruch Spinoza revela-se um tema de profunda complexidade e relevância, não apenas para a filosofia moderna, mas também para o entendimento das condições humanas contemporâneas. Ao longo deste trabalho, exploramos os conceitos fundamentais que sustentam o pensamento spinozista, como substância, atributos e modos, bem como a necessidade e a possibilidade da liberdade.

Inicialmente, ao investigar a ideia de substância, entendemos que Spinoza propõe uma visão monista do universo, na qual tudo o que existe é uma única substância divina ou natural. Essa concepção desafia noções dualistas, enfatizando que tudo está interconectado. Os atributos da substância — extensão e pensamento — nos mostram que a realidade é expressa de maneiras diversas, refletindo a complexidade da existência. Esta inter-relação entre os modos (as manifestações particulares da substância) e a substância em si é crucial para entender como a liberdade pode ser percebida dentro das limitações impostas pela natureza.

No que se refere à necessidade, Spinoza argumenta que tudo ocorre segundo as leis da natureza. Essa determinação não deve ser confundida com fatalismo; ao contrário, ela abre espaço para uma compreensão mais rica da liberdade. A possibilidade da liberdade em Spinoza não reside na ausência de causas ou na indeterminação das ações humanas, mas sim na capacidade de agir conforme a razão e compreender as próprias motivações. Assim, ser livre implica reconhecer as relações causais que nos moldam e agir de acordo com essa compreensão.

Por fim, a reflexão sobre a "liberdade em si" nos leva a considerar o estado ideal do ser humano: aquele que age segundo sua própria natureza racional. A verdadeira liberdade, segundo Spinoza, é alcançada quando nos libertamos das paixões que nos escravizam e passamos a viver de acordo com os princípios da razão. Essa visão traz um importante legado ético e político para os dias atuais, em que as questões sobre autonomia individual e responsabilidade social são cada vez mais pertinentes.

Em suma, ao abordar a questão da liberdade em Spinoza, este trabalho não apenas elucidou conceitos filosóficos fundamentais, mas também destacou sua relevância prática na busca por uma vida mais plena e consciente. A filosofia spinozista nos convida a refletir sobre nossa condição humana e as possibilidades de ação dentro de um mundo determinado por leis naturais. Portanto, o estudo da liberdade em Spinoza continua sendo um campo fértil para novas investigações e reflexões críticas no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Spinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 1981.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Edipro, 2006.

Comentado [11]: verificar as regras da universidade sobre a seção de referências, pois é orientação da ABNT que ela seja separada em uma página diferente do resto

Comentado [12]: irei verificar!

- JASPERS, Karl. A filosofia. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970
- MOREAU, Joseph. **Espinosa e o espinosismo**. São Paulo: X, 2002.
- MOREAU, Joseph. Liberdade e Necessidade: Uma Análise Ética em Spinoza. 2002.
- MONDIN, Batista. Deus como Substância: Implicações Filosóficas na Obra de Spinoza. 2005.
- VANIA, Sophia. Revisando Liberdade: A Nova Perspectiva Espinosa. 2021.
- REALLY, Geovane. Determinismo e Liberdade: Desafios na Interpretação do Pensamento Spinozista. 1960.
- SPINOZA, Baruch. Ética. Traduzido por André Comte-Sponville. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SPINOZA, Baruch. Tratado Político. São Paulo: Editora 34, 2004.
- SPINOZA, Baruch. Ética. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2008.
- SPINOZA, Baruch. Ética. Traduzido por André Comte-Sponville. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SPINOZA, Baruch. Tratado Político. São Paulo: Editora 34, 2004.
- SPINOZA, Baruch. Ética: demonstrada segundo a ordem geométrica. Tradução de Tomás da Silva Telles. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SPINOZA, Baruch. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2011
- VANIA, Sophia. A filosofia de Spinoza. São Paulo: Editora Unesp, 2009